

NA PISTA DA VITÓRIA

III

...O dia seguinte ficará marcado — 25 de abril!

Derrotados e perseguidos, os nazistas torravam seus últimos bilhetes — e o encalhe era grande. Corria a grande loteria do Pó — muito vale e muita poeira. "O seu dia chegará". Sim — o nosso dia, o seu dia, leitor, o dia de todos chegará, o dia de tirarmos uma sorte grande. Mas é preciso arriscar. Na loteria da guerra não há bilhetes brancos: morrer ou viver. Muitos que acertam no bilhete da vida, prefeririam a morte.

Somos quatro chamadas ardentes que estiveram por um sópro. Uma das quatro ficou ardendo na Itália.

Ao câmbio corrente, quatro vidas poupadas sem irreparáveis estropícios, já não representam apenas quatro vintens poupados.

A cotação do homem vai atingindo a paridade, elas por elas, valor por valor.

Já Stendhal observara que a felicidade do povo italiano consistia em abandonar-se à impressão do momento. Nada mais exato. Quando o chefe dos bufões vociferava do Palazzo Venezia o seu ridículo "quero-quero", quero isto e mais aquilo porque quero — queremos! — a massa inconsciente, sem nada compreender, sem nenhuma vontade objetiva, respondia-lhe aos berros: "A noi! A noi!"

O fascismo tudo desvirtuou e perverteu, envenenando um povo bom e útil à humanidade — mas esse povo gosta de espetáculo.

O brado histórico de libertação que o fascismo transformou em bálido de carneirada, surgiu nas lutas pela independência do país, quando os italianos ouviram pela primeira vez em Veneza, uma ópera quase desconhecida de Verdi — *Atila*. No momento em que o devastador e sanguinário personagem cantava uma ária: "Avrai tu l'universo, resti l'Italia a me", os espectadores se levantaram de punhos cerrados e aos gritos de "A noi! l'Italia a noi!"

O "V", desabafo e senha dos patriotas que lutaram em seus países contra os opressores nazifascista, era então para os italianos o nome do maestro. O povo sabia decifrar o sentido duma aclamação que aparecia inscrita em todos os srecantos do país: "Viva V.E.R.D.I"! significava: Viva Vittorio Emmanuel Re D'Italia.

Nem só de ópera e para ópera vive um povo. O italiano gosta imensamente da liberdade — seu temperamento é que é variável e fácil de se iludir. O fascismo — a encenação — satisfazia seu gosto, porém nunca o teve entranhado na sua alma.

O fascismo não tinha consistência no espírito da massa italiana. Vejamos.

Em 1930 o fascismo era uma espertinha criança de já oito carrancudas primaveras. Cinco anos depois começou a brincar de Império Romano. Para investir contra a França e satisfazer suas "reivindicações" — Nice, Tunis, etc.? Não. Para varrer do "Mare Nostrum" a frota inglesa? Não. Para atacar a Abissínia.

Em 1930, apareceu em Paris um pequeno livro intitulado *Philippe*, de Maurice Bedel. O autor oferece-nos o tipo de um jovem centurião apaixonado por uma encantadora parisiense, filha de "nouveau riche" — "un embecil servi par son argent" — Grenadier. O idiota funda uma revista para defender os princípios doutrinários do Duce e denegrir o "doux laisser-aller des pays de désordre". A Itália mussolinésca é para o maníaco o único país onde coexistem a verdadeira liberdade e a ordem. O idiota mete-se num trem e vai apreciar *in loco* as maravilhas. Na França, a polícia não lhe dava importância, tinha mais que fazer. Mas na Itália, a Questura não o deixa em paz. A toda instante e sob qualquer pretexto é chamado a comparecer perante a autoridade para explicar o sentido dos deslambidos louvores que ele tece ao regime fascista. E acaba expulso da Itália, expulso como indesejável, expulso mas não convencido. Continuará com suas idéias. Os guardas já o puseram na fronteira e está

agradecendo a honra de haver sido escoltado, quando lhe surge, esbaforido, a correr para atirar-se nos braços de Philippine, o jovem Raffaelo, o centurião fascista, seu futuro genro, feliz, imensamente feliz, dando graças a Deus por se sentir em liberdade. Enfim pode respirar e viver!

O espetáculo de um povo que se liberta, caído em si, empolga e comove todos os corações.

Bem protegida e vigiada por unidades do Esquadrão de Reconhecimento da FEB e os "partigiani", S. Polo d'Enza pôde dormir tranquilamente em armas e continuar em festa.

Todos estamos empolgados. Para onde nos atiramos? Iremos a Parma. Pois então, vamos!

Machado dispara até Montecchio, de onde continuamos para S. Ilario. Agora somos quatro, o 2º "partigiano" Nartiro Pedrazzoli acompanha-nos como guia. É um homem de certa idade decidido, muito falante. Estamos a correr livremente na Via Emilia. O vento está forte. Rubem Braga propõe que se levante o para-brisa, que Machado cuidadosamente enfeitou. Enquanto se faz o serviço, aproveito para apreciar a ornamentação. O "jeep" está lindo — todo florido. O chão é um tapete de flores em que se afogam e se acautelam em promiscuidade os presentes que recebemos — dúzias e mais dúzias de ovos, garrafas de vinho fatias de mortadela, pedaços de pão endurecido. Presentes para os libertadores! Muitas dessas flores foram lançadas sobre nós, com o "jeep" em disparada, por grupos de camponeses, mulheres, homens e crianças, que se postavam à beira das estradas para nos acolher.

Que belo é o espetáculo de um povo que se liberta!

Schiller — "Ode à Alegria!"
Aquele que pode dizer que tem uma alma sobre a terra, que a sua alegria com a nossa comunhão — "À tua sombra, Alegria, todos os homens se tornem irmãos — que milhões de seres, que o mundo inteiro se confunda num mesmo amplexo" — "Os bons e os maus trilham caminhos de flores." — "Assim como rolam os sóis sobre o plano magnífico do firmamento, do mesmo modo, irmãos correi a vossa trilha, cheios de alegria, qual o herói caminhando para a vitória."

— Toca, Machado!
Lá vamos nós, para onde? Sim, para Parma. O "partigiano" está nos orientando. Adiante encontraremos uma ponte sobre o Enza — e encontramo-la. Está obstruída, no meio. Existe à esquerda, outra ponte. Lá estava. Com certeza os alemães não a destruíram porque precisavam dela. Estavam em retirada e vinham sendo perseguidos. Atravessada a ponte nos dirigimos pela outra margem do rio, novamente para a Via Emilia, quando ao aproximarmos-nos da estrada avistamos soldados e um grupo de casas. Talvez lá estivesse gente nossa. "Forse che si, forse che no". Se tentássemos dar volta, chamaríamos atenção. Se parássemos, estávamos no pa-pó do tedesco. O que tínhamos a fazer era seguir em frente e deixarmos a Via Emilia, tomando mais adiante o caminho do campo. O nosso valente motorista estava senhor dos seus nervos. — "Não pare, nem olhe, nem fale" — recomendei-lhe. A mesma recomendação fiz a Rubem e ao "partigiano" que vinham atrás. Apesar disso, Nartiro Pedrazzoli não se conteve e disse baixinho: "Nien-te pa-ura!" E zunindo como uma bala o "jeep" meteu-se pelas linhas alemãs. Cada um de nós levando o seu bilhetinho na loteria do Pó...

Rubem Braga quebrou o silêncio, a solenidade do momento: — "Seu Veterano, nós estamos desacatando esta guerra!"

Não mais se cogitava de continuar para Parma, mas de encontrar uma saída. Niente paura, niente paura!

Foi em procura dessa saída que quatro chamadas ardentes estiveram por um sópro...

VETERANO

Retificação — Na última crônica publicada, leia-se Secchia e não Serchio, como saiu por engano.

123

NA PISTA DA VITÓRIA

IV

"BONITO!"

Por um triz os nazistas não nos tomaram de surpresa com o jeep parado e um punhado daquela boa gente nos rodeando. Algumas dezenas de inocentes criaturas pagariam com a vida, por nossa causa, o gravíssimo crime de estarem desabafando conosco os anseios das almas recalçadas. Onde quer que avistássemos um núcleo mais povoado, aí parávamos para pedir informações. De um modo geral, os camponeses mostravam-se apreensivos — quando não procuravam se ocultar permanecendo em seus labores sem nos dar atenção. Nartiro Pedrazzoli não concorda com a atitude deles. Apesar da advertência que Rubem Braga lhe fizera contra os riscos de suas expansões excessivas, não havia maneira de o fazer calar. Ele, o bravo "partigliano", erguia o braço, ainda à maneira caricata dos palhaços fascistas — pudera! o hábito do cachimbo... — e gritava que eramos aliados, libertadores! Logo em seguida, invariavelmente, abaixando sua voz forte e estridente, repetia para cada um de nós, em caixa baixa, como um estímulo — "niente paura! niente paura!"

Mas para a honra de todos e em particular do Herbert Moses, na equipe da imprensa coragem era ovo e ovo era mato que crescia toda a vez que o nosso jeep fazia uma pausa.

Estamos na planura emiliana que constitui o limbo meridional do vale do Pó. Abundantes no inverno, quando não precisaria delas, pois a vegetação está em repouso, no estio, quando mais indispensáveis, as chuvas rareiam. (As torrentes do Panaro, do Secchia e do Enza, que cruzamos, estavam quase inteiramente secas.) Para corrigir a deficiência pluvial na região, existem, sulcando as lavouras e servindo também para demarcar a propriedade das terras, numerosos canais. É uma bem espraiada rede de irrigação.

O habitat rural é tão harmonioso na planície como na montanha. Pelo censo do trabalho na Itália, antes da guerra, verificase que para cada grupo de cem empregados, 36 exerciam suas atividades na agricultura, 26 em indústrias diversas, 9 no comércio, 8 em serviços públicos e profissões liberais, 1 em explorações minerais.

Quanto mais o mundo se afaste do campo menos terá para viver.

Esta gente que estamos encontrando pelas lavouras é feliz. Quando nos avistava retraia-se; quando soube quem éramos, respirou.

O camponês semeava e colhia, o tedesco levava tudo. Mas trabalhou sempre, nunca abandonou suas plantações. Via "a cobra fumar" e era como se não visse colas alguma — continuava trabalhando. Itália! — Mundo! — deixai-o trabalhar, que haverá fartura.

E o jeep corria. As estradas rurais, em regra, tomam o nome das localidades. Os núcleos habitados reúnem, no máximo, cinquenta a sessenta pessoas, variando entre três e cinco o número de casas. Estamos na via São Prospero, onde poderia ter havido uma mortandade, a caminho de Martorano e em busca de uma saída. E o jeep corre, corre. Atingimos a extremidade da reta. Vamos fazer uma curva. Agora já se avista melhor o campo. As árvores mais espaçadas e a sêbe menos compacta deixam ver, ao longe, uma casa rústica. Há mulheres carregando cestos e lavrando.

Mal acabamos de fazer a volta — bonito! — lá vinha apontando pelo caminho que deveríamos seguir, quem havia de ser? — o tedesco.

A estrada única, forma um autêntico zigzague. Nós, haste inferior do "Z" e o tedesco avançando contra nós, pela haste superior. Bonito!

A única coisa que sobrava livre no terreno nessa "terra de ninguém", era a linha central ligando as duas hastes. Quando Machado freia o carro, nós já havíamos avançado pela mesma e assim ficamos cara a cara, a uma distância de uns 20 a 30 metros, nós e os alemães. Vinham em coluna de dois com viaturas e cavalos.

O espanto dos nazistas quando nos avistaram, foi um facto. Estacaram os animais. Um fuzileiro precipitou-se para a estrada afim de interceptar-nos a passagem, apontando a arma contra nós. A equipe da imprensa não vai assim. Temos que decidir. Nós não podemos papar os nazistas porque não temos armas, ninguém tem armas, mas honraremos o cartaz da FEB; Machado confirmará a fama dos gauchos e, particularmente, dos filhos de Bagé. Estou sentado ao lado dele, impassível, os braços cruzados, para não despertar a atenção. Nenhum de capacetes. Machado trazia um boné de pala comprida, muito parecido com o usado pelos alemães. O tedesco vacilava. O fuzileiro mantinha a arma apontada contra nós.

Niente kamerade!

Ignoro o que se passa com Rubem e Nartiro. Então, decido, e digo em voz baixa a Machado que arranque na direção do campo antes que toda a coluna possa barrar-nos a passagem. Machado não vacila. Parece que ainda estou ouvindo o ronco do motor. Vejo o nazista abaixar a arma, no momento em que o jeep se lança vertiginosamente para a frente. Lembro-me das palavras que disse a Machado quando me pareceu que algo lhe fizera largar a direção: "Que loucura, Machado, mas que pena!"

Aquí, por motivos óbvios, tenho que recorrer a Rubem Braga: "Vejo que um nazista ergue o fuzil e faz pontaria. Tenho a sensação nítida de que ele vai me atingir — estamos a poucos metros. Instintivamente faço-lhe um sinal com a mão — "não, não". O homem baixa um segundo a arma, naturalmente atrapalhado, supondo talvez que nós que surgíamos de suas linhas, podíamos ser alemães. O jeep passa entre duas árvores, a toda velocidade, e sinto que giro no ar. Machado vira em sua frente um canal, e freira bruscamente o carro. Eu e Nartiro fomos lançados com tanta força que caímos muito além do buraco — eu cai pelo menos 10 metros do jeep. Nartiro e Machado disseram depois que ouviram algumas rajadas curtas: confesso que não ouvi disparo nenhum." (*)

Rubem não ouviu, eu também não ouvi disparo nenhum. Agora explica-se que Machado ouvindo os disparos à queima-roupa, perdesse a direção. Ele, na frente e Nartiro atrás, sentavam-se do lado esquerdo, justamente voltados para o lado de onde surgiram os alemães. Eu na frente e Braga atrás, sentados do lado direito — por isso poderíamos não ouvir, como não ouvimos, nada de nada, em virtude da direção contrária do vento.

Acredito que os alemães tenham atrado, porque tomaram como sinal de rendição aquilo que fora simplesmente um golpe de astúcia, um providencial ato de presença de espírito de Rubem — "não, não!" — e de repente viram o jeep investir como uma fúria.

Mas se houve contradição, falta de unidade de comando, confusão, como se usa dizer em linguagem militar — e por falta de um comandante único — tudo aconteceu porque na nossa equipe todos nos consideravamos iguais — soldados da mesma causa.

Por mim, daria a medalha de bravura a todos — menos eu — e, em primeiro lugar, a Atilano Vasconcelos Machado.

A alma dêsse "pracinhas" Nossa Senhora!

VETERANO

(*) Rubem Braga — "Com a FEB na Itália".

174